

O PATRIMÔNIO ARQUIVÍSTICO DE ANTIGAS FAZENDAS PAULISTAS¹Luiz Flávio de Carvalho Costa^{*}Marcos Tognon^{**}Rosaelena Scarpeline^{***}

Resumo. Este artigo traz o resultado parcial de uma pesquisa interinstitucional e interdisciplinar sobre o patrimônio de algumas fazendas paulistas formadas entre o final do século 18 e primeiras décadas do 20. Das inúmeras manifestações culturais materiais e imateriais que compõem um rico acervo, destacamos aqui o patrimônio arquivístico, recebido e acumulado pelas unidades produtivas observadas, tendo em vista uma futura organização e descrição com objetivo triplo: sua preservação, sua utilidade como documentos para a escrita de uma história regional e como elemento atrativo do turismo. Essas propriedades preservam de forma desigual seus bens patrimoniais por diversos motivos. Pomos em relevo duas situações que permitem avaliar as condições da identificação e preservação de tais bens: a transmissão da propriedade (compra ou herança) e sua gestão (familiar ou terceirizada).

Palavras-chave: fazendas antigas; São Paulo; Brasil; patrimônio arquivístico; documentos escritos; documentos visuais.

THE RECORD PATRIMONY OF ANCIENT FARMS IN THE REGION OF SAO PAULO

Abstract. This article provides some preliminary results of interdisciplinary, multi institutional research concerning the patrimony of a number of farms in the Sao Paulo region established between the end of the 18th century and the beginning of the 20th century. Of the innumerable material and non material expressions of this heritage, we have selected here to focus both on the written and iconographic archives collected in

^{*} Luiz Flávio de Carvalho Costa é doutor em História pela USP; professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da UFRRJ. – Rio de Janeiro – RJ – Brasil - E-mail: flaviodecarvalho@terra.com.br

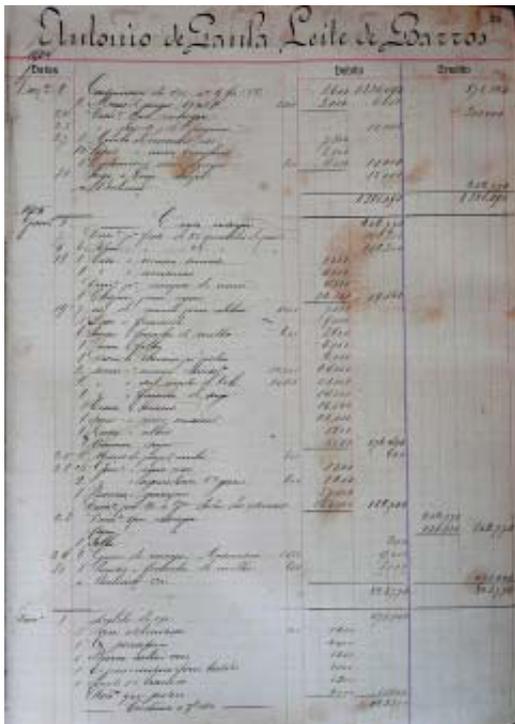
^{**} Marcos Tognon é doutor em Storia Della Critica D'arte pela Scuola Normale Superiore Di Pisa, Itália; professor da Unicamp/IFCH.- Campinas/SP - BrasilE-mail: tognon@unicamp.br

^{***} Rosaelena Scarpeline - é mestre em História pelo IFCH-Unicamp; diretora da Biblioteca do Centro de Memória da Unicamp – Campinas/SP – Brasil - E-mail: rscarpel@unicamp.br

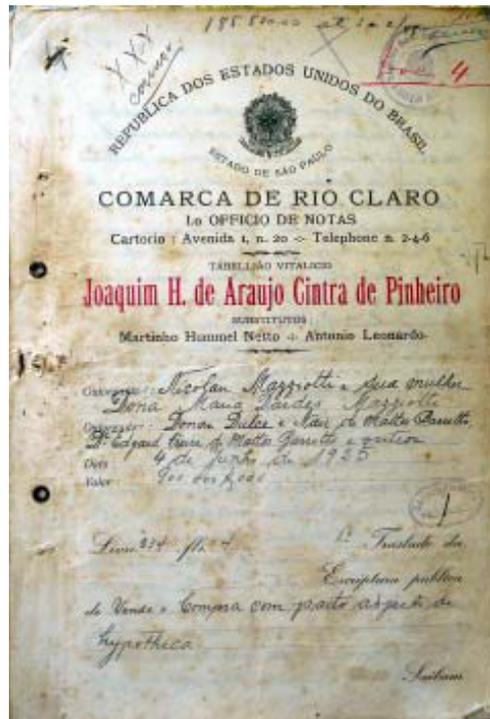
each of the production units with a view to their future organization and description based on the triple objectives of their preservation, their use as documents for the writing up of a history of the region and their attractiveness from the perspective of tourism. For a variety of motives the farms studied have not all preserved their patrimony to the same extent. We highlight two situations which permit us to evaluate the conditions of identification and preservation of this patrimony: property transmission (through sale or inheritance) and the management of the estate (whether family or third party).

Key words: ancient farms; Sao Paulo, Brazil; record patrimony; iconographic archives; written archives.

O itinerário de algumas antigas fazendas do Estado de São Paulo revela a existência de manifestações culturais materiais e imateriais que compõem um rico acervo patrimonial. Formadas entre o final do século 18 e primeiras décadas do 20, as fazendas observadas em nossa pesquisa² ora foram abertas para a cultura do café na dinâmica da economia paulista do período oitocentista, ora foram propriedades mais antigas dedicadas a outras atividades – principalmente ao plantio da cana-de-açúcar – e então convertidas à cafeicultura. Atualmente nenhuma delas desenvolve comercialmente a cultura do café. Tal patrimônio pode ser sumariamente identificado nas edificações (moradia principal, moradias secundárias, armazéns, tulhas, casas de máquinas, terreiros, balcões, rodas d'água, oficinas, escolas), sítios arqueológicos, maquinaria e ferramentas de trabalho, louças, objetos de decoração e utensílios de cozinha, como exemplos da cultura material; e, no plano imaterial, os conhecimentos técnicos, culturais e administrativos da vida rural, suas tradições alimentares, suas festas, suas representações do presente e do passado etc.

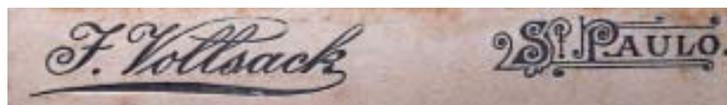


Livro de controle contábil, Fazenda Mandaguahy, Jaú, SP, 2008 / foto, LF Carvalho Costa



Escritura de compra e venda, Fazenda Bela Vista, Dourado, SP, 2008 / foto, LF Carvalho Costa

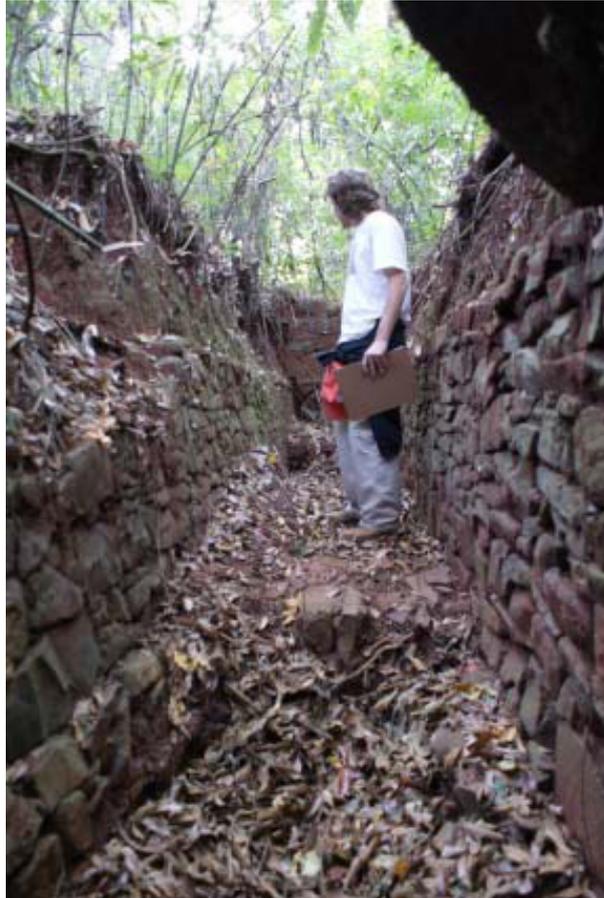
Neste pequeno artigo interessam-nos, sobretudo, os bens arquivísticos produzidos, recebidos e acumulados por essas unidades produtivas. Não é nossa intenção fazer um balanço dos acervos, mas tão somente uma primeira aproximação desses bens patrimoniais, tendo em vista uma futura organização e descrição com objetivo triplo: sua preservação, sua utilidade como documentos para a escrita de uma história regional e como elemento atrativo do turismo.





Na busca de uma divisão de espécie documental, sugerimos preliminarmente uma classificação ampla composta por quatro grupos de documentos cuja organicidade decorre das fontes produtoras. A primeira separa a documentação produzida pelas unidades agrárias no desempenho das suas atividades produtivas daquela de natureza privada, no mais das vezes produzida pela família proprietária. Exemplificam o primeiro tipo os controles contábeis e de produção: balancetes, contratos comerciais, registros de controle da mão-de-obra, gastos de produção, cartas comerciais, notas fiscais, ou seja, aqueles itens documentais relacionados propriamente aos negócios da empresa. Entre os documentos do segundo tipo, apontamos o documento iconográfico, a correspondência pessoal ativa e passiva, as certidões de óbito, de nascimento e de batismo. Pelo valor intrínseco e pela quantidade, destacamos os acervos iconográficos e, neles, as fotografias. Por *valor intrínseco*, referimo-nos à memória visual das propriedades, das famílias e dos trabalhadores e, ainda, ao valor da produção de muitos fotógrafos e estúdios importantes para a história de nossa fotografia, como Alberto Henschel, Guilherme Gaensly, Jean Georges Renouveau, Militão Augusto de Azevedo e Valério Vieira no plano nacional; e, no regional, os irmãos Cantarelli (Jaú, Araraquara). Do ponto de vista numérico, é relevante notar que contamos aproximadamente 3.800 itens fotográficos nessas fazendas em observação.³

Ainda neste sub-grupo encontramos filmes flexíveis em positivo ou negativo, diapositivos, daguerreótipos, imagens desenhadas, gravuras, imagens em movimento (filmes cinematográficos) e placas de vidro diapositivas para uso em estereoscópico. O terceiro grupo mais geral de documento compõe-se do material cartorário onde incluímos, entre outros, as escrituras de compra e venda, de doação, quitações, espólios, partilhas, inventários, contratos e testamentos, documentação esta que contém informações essenciais para se estudar a propriedade no que se refere à sua transmissão, aos seus bens, ao seu patrimônio ambiental e às suas delimitações.



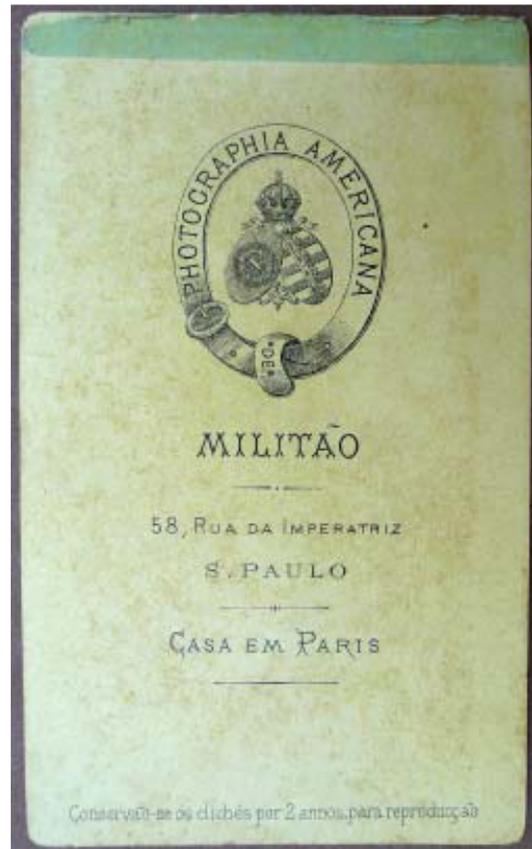
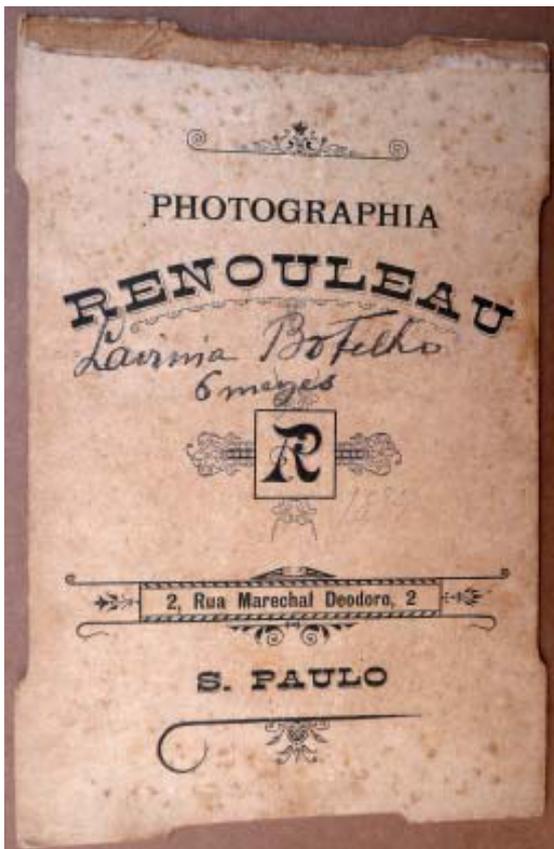
Sítio arqueológico da Fazenda Pinhal, São Carlos, SP,
2008 / foto, LF Carvalho Costa

Por último, um quarto tipo é formado por documentos não diretamente relacionados às atividades inerentes às unidades agrárias, mas recolhidos e guardados por elas, tais como recortes de jornais, folhetos, revistas e livros raros (documentos bibliográficos), outras fotografias, cartões postais, pinturas, gravuras, partituras musicais etc.⁴

Essa documentação nos oferece informações de primeira mão de grande valor para a escrita de uma história regional nos seus mais variados campos e, certamente, pode ser aproveitada como um bem altamente atrativo das pessoas que buscam um turismo não convencional.

As fazendas possuem acervos próprios, com atributos particulares, não apenas por serem resultados de experiências históricas e culturais únicas, mas também pela forma como foram tais acervos organizados e guardados, ou seja, quase sempre com base em preferências pessoais sem a obediência aos princípios arquivísticos e, por isso, as coleções mais se parecem a lembranças familiares. Entre as fazendas

observadas, desvia-se desta tendência a Fazenda Pinhal, a partir do trabalho da Associação Pró Casa do Pinhal, São Carlos – SP de apoio à conservação e à manutenção do patrimônio histórico da Casa do Pinhal. Da mesma forma, varia em cada uma delas o acondicionamento documental, com maior ou menor acerto de sua guarda visando à sua preservação e seu acesso, quase sempre, aos próprios membros das famílias.



Renouveau, verso de fotografia, 2008 / foto LF..... Militão, verso de fotografia, 2008 / foto LF
Carvalho Costa.....Carvalho Costa

Essas propriedades preservam de forma desigual seus bens patrimoniais. Muitos motivos exercem influência sobre essa diferença. Pomos em relevo duas situações que permitem avaliar as condições da identificação e preservação de tais bens: a *transmissão* da propriedade e sua *gestão*.

A permanência da Chácara do Rosário (Itu) e da Fazenda Mandaguahy (Jaú) na mesma linhagem manifesta-se, entre outros aspectos, na rica documentação guardada em suas sedes. Ao passo que as Fazendas Capoava (Itu) e São Francisco (São José do Barreiro) sofrem da perda de suas memórias em razão das inúmeras transações de compra e venda pelas quais passaram.



Casa bandeirista da Chácara do Rosário, Itu, SP, 2008,/ foto, M Tognon



Varanda da casa bandeirista da Chácara do Rosário, Itu, SP, 2008,/ foto, M Tognon

Estas fazendas citadas podem ser referências para considerarmos essas duas situações. No caso da Chácara do Rosário, existe uma permanência no tempo da propriedade nas mãos da mesma família. Comprada por Antônio Pacheco da Silva em 1756, ainda que fragmentada ao longo do tempo e diminuída em suas extensões, seu núcleo (a sede e as terras adjacentes) manteve-se sempre nas mãos dos seus descendentes. Certamente, é a sede o principal lugar da memória das fazendas, embora não possamos nos esquecer da residência dos fazendeiros nas cidades, dos cartórios, dos arquivos locais etc.

Sua sede foi construída em 1756, um exemplo bem preservado da casa bandeirista. Na época, a propriedade chamava-se Engenho Grande, uma das maiores produtoras de açúcar da Capitania de São Vicente.⁵

Podemos destacar uma série de 37 fotografias avulsas feitas pelo Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 4. Distrito no final da década de 1950 e no início da década de 1960, que nos mostra a casa pouco antes e pouco depois da sua restauração. No conjunto das fotografias da Chácara do Rosário predomina o registro pessoal/familiar das décadas de 1950 e 1960. Os fotógrafos identificados foram: Cantarelli, Max Rosenfeld, Cerri e E. K. Muller. Poucas registros são anteriores à década de 1940. O estado de conservação, no geral, é muito bom. Do seu acervo arquivístico faz parte uma numerosa documentação comercial com importantes informações para escrever uma história da instituição (e mesmo regional), sobretudo do ponto de vista econômico/institucional.

Por sua vez, a Fazenda Mandaguahy é propriedade da mesma família desde a sua formação em 1858. Durante o Império, foi residência do major da Guarda Nacional, Francisco de Paula Almeida Prado. Seus atuais proprietários/herdeiros residem na fazenda e são os responsáveis pela sua gestão. Entre seus prédios mais importantes estão a casa-grande e a senzala. O acervo fotográfico é expressivo, e nele encontramos muitas fotografias no formato *carte-de-visite*. Há muitas fotos das décadas de 1910 e 1920 coloridas à mão pelos Cantarelli e por outros profissionais não identificados. Além do ponto de vista numérico, a importância do acervo pode ser presumida pela relação dos fotógrafos identificados: Adriano Gomes Tinoco Photographo, Coimbra; Arthur Silva Photographo, Poços de Caldas; Artística Fotografia de Venturini Plinio – Luce ed Arte; Cantarelli, Jaú; Casa Polyfoto; Foto Cerri; Foto Studio Hofman, SP; Ghersel Irmão Phot. Jahu; José Vollsack, SP; Kogima, SP; Manoel Garcia Photographo, RJ; Militão; Multifoto, SP; Photo Avilar, Jahu; Photographia Busnardo, Jahu/Piracicaba; Photographia Renouveau, SP.



Casa principal da Fazenda Mandaguahy,
Jaú, SP, 2008 / foto M Tognon



Terreiro de café da Fazenda Bela Vista,
Dourado, SP, 2008 / foto LF Carvalho Costa

A Fazenda Bela Vista (Dourado) foi formada no fim do século 19 para a produção do café. Seu acervo arquivístico é bem organizado, dele estacamos dois conjuntos: a sua rica documentação cartorária e os três álbuns de fotografias preparados pela “tia” Cecília em 1984. Baseada em critérios de cronologia e de assuntos, a organizadora oferece uma descrição minuciosa de pessoas e de eventos, atribuindo valiosas informações às fotografias.

Contrariamente à Chácara do Rosário, às Fazendas Mandaguahy e Bela Vista, a Fazenda Capoava teve inúmeros proprietários desde sua formação no início do

século 18. Ela mudou de mãos em 1881, outras duas vezes no século 20 e finalmente foi adquirida pelo atual proprietário em 2000.

Na Serra da Bocaina, município de São José do Barreiro, a Fazenda São Francisco conserva sua casa-grande construída em 1813. Seu nome original foi Fazenda do Carrapato, devido ao córrego do Carrapato que a corta. Segundo o atual proprietário, quatro irmãos vieram das Minas Gerais para tomar posse da sesmaria. Cada irmão formou uma fazenda. Ali era a rota do ouro e o atual núcleo urbano de São José do Barreiro seria a junção das fazendas, um entroncamento para a troca de mulas. O primeiro proprietário da fazenda Carrapato foi Antônio Ferreira de Sousa, que pode ter sido um dos irmãos ou algum filho de um desses irmãos. A adaptação da fazenda para a produção de leite e de gado de corte explica a não preservação de prédios e objetos associados à produção de café (ferramentas e maquinários). Desde sua formação, em 1813, até 1930 a principal atividade da fazenda foi a produção de café. Indicamos como destaque do seu patrimônio arquivístico as 21 escrituras e outros documentos cartorários cobrindo os anos de 1884 a 1948.



Casa bandeirista da Fazenda Capoava,
Itu, SP, 2008 / foto LF Carvalho Costa



Cocheira da Chácara do Rosário, Itu, SP,
2008 / foto M Tognon



Casa principal da Fazenda São Francisco, São José do Barreiro,
SP, 2008 / foto LF Carvalho Costa



Casa principal da Fazenda N. Sra. Da Conceição, Lorena, SP,
2008 / foto LF Carvalho Costa

A Fazenda Nossa Senhora da Conceição, Lorena, foi formada pelo Capitão Mor Manuel Pereira de Castro no início do século 19 para produção de café. herdada pelo seu filho em 1846, Padre Manuel Theotônio de Castro, foi vendida em 1856 a Francisco de Assis de Oliveira Borges, Visconde de Guaratinguetá. Desde então a propriedade passou por várias mãos. Na década de 1920 o café foi substituído pela pecuária. Em 1936 as terras foram adquiridas pela família Nunes, atuais proprietários. Sua sede bem conservada foi construída por volta de 1860. As inúmeras transações de compra e venda dessas terras levaram à perda da integridade de sua documentação mais antiga e, por isso, mais importante.



Casa-grande, senzala, terreiro de café da Fazenda Pinhal, São Carlos, 2008 / foto LF Carvalho Costa



Senzala e terreiro de café da Fazenda Pinhal, São Carlos, 2008 / foto LF Carvalho Costa

Devido ao trabalho realizado pela Associação ProCasa do Pinhal, a Fazenda Pinhal deve ser considerada um caso à parte no conjunto das fazendas visitas no que se refere à descrição do seu patrimônio arquivístico. O trabalho da Associação na conservação e manutenção do patrimônio histórico da fazenda Pinhal nos coloca diante de um rico acervo documental já bem organizado, seguindo padrões técnicos adequados, importante para a história regional. Valoriza o acervo a identificação de artistas reconhecidos na história da fotografia brasileira, como Valério Vieira e Guilherme Gaensly. Aqui encontram-se 1.287 livros e periódicos do século 19; 1.023 fotografias; 3.365 documentos contáveis, entre outros.⁶

As duas situações descritas tendem fortemente a influir na preservação ou não da memória das propriedades. Os bens não-removíveis (edificações, estradas, paisagens etc.) no ato da transmissão da propriedade correm risco menor de desaparecimento. Mesmo assim, há risco considerável, já que tendencialmente tais bens perdem o valor afetivo, perdem a carga da sua tradição e têm provavelmente seus significados culturais enfraquecidos pelos os novos donos e, então, podem ser derrubados. Por sua vez, a conservação e integridade dos documentos arquivísticos, tais como cartas, fotografias, relatórios, escrituras, anotações contáveis, pequenos objetos etc. correm os maiores riscos quando uma fazenda é vendida, uma vez que fazem parte da bagagem daqueles que se vão.

Destacamos outro motivo: as atividades *gestão* e *trabalho* podem estar unidas ou separadas, ou seja, são seus proprietários seus próprios gestores, ou estão elas entregues às mãos de administradores profissionais. Tais situações repercutem na memória e, por si mesmas ou articuladas, nos permitem avaliar as condições e encontrar caminhos de preservação do patrimônio móvel rural.

A Chácara do Rosário é administrada por dois de seus herdeiros, ou seja, é um imóvel direta e pessoalmente explorado pelos seus proprietários. São eles que controlam a propriedade e têm nela residência permanente. A direção dos trabalhos no estabelecimento é dada por eles, que vivem o dia-a-dia das atividades comerciais e funcionais do imóvel. Por sua vez, a Fazenda Capoava é vivida cotidianamente por administradores profissionais responsáveis pelo seu funcionamento como fazenda-turismo. Enquanto no primeiro caso *gestão* e *trabalho* estão unidos e se confundem, no segundo encontramos uma separação clara dessas duas atividades. Talvez a Capoava já fuja do “tipo ideal”, uma vez que seus administradores guardam uma relação de parentesco por afinidade com o proprietário não-residente na fazenda.

Podemos ajuizar as consequências do fator “transmissão da propriedade” sobre a manutenção da integridade dos arquivos ao ter em conta a distribuição das fotografias entre as diferentes fazendas visitadas. A quase totalidade deste tipo documental encontra-se nas propriedades que permaneceram, desde sua criação até os dias de hoje, nas mãos de uma mesma família. Ao passo que nos deparamos com um número irrelevante de documentos fotográficos nas fazendas que passaram por transações frequentes de compra e venda. A reintegração desses arquivos, espalhados pelos caminhos percorridos por seus antigos proprietários, seja dos originais ou de cópias, é uma tarefa recomendável e trabalhosa. Nesses caminhos poderemos encontrar não apenas documentos arquivísticos desmembrados, como também os bens imateriais - as canções, os mistérios, a magia, o toque que realçava antigos sabores - que uma vez fizeram parte daquela vida rural. Frequentemente, a busca de documentos textuais e iconográficos originais e a recomposição dos bens imateriais é tarefa difícil, pois eles adquirem raízes nos novos repositórios dos antigos donos. No entanto, a reintegração desse patrimônio, tanto quanto possível, mesmo à custa da originalidade, ajuda a refazer o sentido das experiências daquele mundo rural fragmentado.

Recebido para publicação em outubro de 2009.

Aprovado para publicação em novembro de 2009.

Notas

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da pesquisa “Patrimônio cultural rural paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo”, sob coordenação de Marcos Tognon, Centro de Memória-Unicamp, tendo como entidade parceira principal a Associação Pró Casa do Pinhal, São Carlos – SP. A pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp - Oitava Chamada para o Programa de Pesquisas em Políticas Públicas PPPP 2007. As fotografias utilizadas neste artigo pertencem ao acervo do grupo de pesquisa citado.

² Chácara do Rosário (Município de Itu); Fazenda Bela Vista (Município de Dourado); Fazenda Capoava (Município de Itu); Fazenda Mandaguahy (Município de Jaú); Fazenda Nossa Senhora da Conceição (Município de Lorena); Fazenda Pinhal (Município de São Carlos); Fazenda São Francisco (Município de São José do Barreiro). Outras fazendas já foram visitadas nesta fase da pesquisa, mas este artigo faz referências diretas a este conjunto nomeado.

³ Albert Henschel (Berlim, Alemanha 1827 - São Paulo SP 1882). Fotógrafo. Sabe-se pouco de sua vida antes de 1866, quando aporta no Recife com o compatriota Karl Heinrich Gutzlaff, vindos da Alemanha. (...) Por volta de 1867, inaugura um estabelecimento na Bahia e, três anos depois, no Rio de Janeiro. Na década de 1880, no Rio de Janeiro, Henschel volta a administrar seu estúdio sozinho e, em 1881, abre uma filial em São Paulo, chamada Photographia Imperial (...).

Guilherme Gaensly (Wohlhausen - Cantão de Thurgau, Suíça 1843 - São Paulo SP 1928). Fotógrafo. Vem para o Brasil ainda menino, acompanhando o pai comerciante que se radica em Salvador. Ali inicia sua carreira em meados da década de 1870, associando-se a Rodolpho Lindemann em 1882 e fotografando diversas localidades da província da Bahia antes de se transferir para a cidade de São Paulo em 1890 e deixar seu sócio à frente do estúdio baiano. É na capital paulista, colaborando durante mais de 25 anos para a São Paulo Tramway Light and Power Company e organismos oficiais como a Secretaria de Agricultura, que se firma como o mais importante paisagista do Estado de São Paulo na primeira metade do século XX. Consagrado ainda em vida, é agraciado com as medalhas de prata das exposições de Paris (França), em 1889, e Saint Louis (Estados Unidos), em 1904.

Jean Georges Renouveau (França 1845 - Brasil 1909). Pintor, fotógrafo. Quando chega no Brasil, vai trabalhar inicialmente em Porto Alegre (RS), onde possuiu um estúdio à Rua de Bragança na primeira metade da década de 1870, antes de se radicar na capital paulista em 1875. (...) Extremamente empreendedor, é também pintor, comerciante de equipamentos e produtos fotográficos e cinematográficos, além de exibidor cinematográfico.

José Vollsack (18-- - 19--?). Fotógrafo. Natural da Hungria, é sucessor, em 1887, de Alberto Henschel na direção da Photographia Imperial, situada à rua Direita 2, em São Paulo, passando a denominá-la inicialmente de Photographia Henschel & Cia. antes de adotar o nome definitivo de Photographia J. Vollsack, com o qual opera até 1895. É um dos mais concorridos retratistas da capital paulista em fins do século dezenove.

Miltão Augusto de Azevedo (Rio de Janeiro RJ 1837 - São Paulo SP 1905). Fotógrafo e ator. Tenta a sorte como ator e cantor lírico no Rio de Janeiro, entre 1858 e 1862, ano em que se muda para São Paulo e começa a fazer retratos e uma série de vistas da capital paulista para a Photographia Academica de Carneiro & Gaspar. É um dos retratistas da fotografia brasileira oitocentista mais produtivos, tendo realizado comprovadamente mais de 12.500 retratos ao longo de seus 25 anos de carreira. É como paisagista, no entanto, que se notabiliza, em virtude do *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887*, no qual contrapôs vistas dos mesmos logradouros realizadas nessas duas datas, criando assim um modelo de fotografia paisagística urbana de enfoque comparativo.

Valério Otaviano Rodrigues Vieira (Angra dos Reis RJ 1862 - São Paulo SP 1941). Fotógrafo, músico. Em 1875, transfere-se para o Rio de Janeiro e frequenta a Academia Imperial de Belas Artes - Aiba como aluno ouvinte. Na década de 1880, inicia a carreira de fotógrafo itinerante em cidades do Vale do Paraíba e Minas Gerais. Por volta de 1894, muda-se para São Paulo, e se associa ao estúdio Valério & Aguiar. Em 1899, abre a Photographia Valério, que, além de retratos convencionais, oferece imagens coloridas com aquarela e pastel, ou ampliadas em materiais como espelho, porcelana e marfim. Pioneiro no uso de fontes artificiais de iluminação, Vieira destaca-se, sobretudo, pela produção de fotomontagens e de vistas panorâmicas da capital paulista.

Excertos extraídos do sítio *Itaú Cultural* < <http://www.itaucultural.org.br/>>, acesso em 6/1/2009.

⁴ Entendemos aqui por *documento* “a unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”. Cf. Arquivo Nacional (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

⁵ , Cf. o seu sítio <www.itu.com.br/hotsite/default.asp?id=110&cod_pagina=276>. Acesso em 22/10/2008.

⁶ “O acervo bibliográfico da Fazenda Pinhal é composto de obras e coleções raras do século 19. Destaca-se o acervo Arruda Botelho, cuja procedência está intimamente ligada aos membros da família Arruda Botelho. O Centro de Documentação e Informação Casa do Pinhal dispõe de uma biblioteca de apoio constituída por 1.200 volumes de literatura, com ênfase no município de São Carlos. O acervo está organizado e catalogado e disponível para consulta no catálogo online, integrando dessa forma o SIBI, Sistema Integrado de Bibliotecas do Município de São Carlos. Acervo Histórico I – Obras cuja procedência está intimamente

ligada aos membros da família Arruda Botelho. Totalizam 1.256 documentos entre livros e revistas (periódicos técnicos, magazines e almanaques literários). O conjunto de publicação abrange um período de 1821 a 1963, quando do término do processo de inventário da Família Arruda Botelho. Este acervo está em fase organização e parte dele já se encontra disponível para consulta local, com a facilidade da localização imediata. É, portanto, objeto de trabalho, pesquisa e estudo nesta primeira etapa do projeto. (...) Acervo Histórico II – Obras também datadas do início do século XIX até a década de sessenta, porém sem uma correspondência direta com os membros da família. A procedência desse conjunto de obras remeterá certamente a outros cenários. Este acervo ainda não foi devidamente analisado e organizado. Biblioteca de Apoio – Conjunto de obras incorporadas ao acervo da Fazenda Pinhal de variadas procedências (compras e doações) que dão suporte aos estudos e pesquisas entre outras atividades realizadas na Fazenda. Este acervo, além de uma grande quantidade de literatura clássica e contemporânea, é também composto por uma coleção de obras especiais, ou seja, obras com projetos editoriais especiais, geralmente de distribuição limitada e apoiada por projetos de renúncia fiscal. Este acervo está ainda em fase de organização e tem dado suporte às pesquisas para a produção de conteúdos do Sistema Memória Virtual entre outros projetos de pesquisas desenvolvidos na Fazenda Pinhal". (Síntese preparada pela Associação Pro Casa do Pinhal).